

## ENIGMAS (NÃO) REVELADOS SOBRE “O HOMEM NA MULTIDÃO”

Fernando Henrique Protetti<sup>1</sup>

Uma primeira leitura do conto de Edgar Allan Poe, intitulado “O homem da multidão”, poderia talvez, ser ocasionada por um simples acaso do cotidiano, daquele que por força do destino (destino?) nos coloca frente a frente com um livro, uma obrigação escolar ou acadêmica como requisito de avaliação, ou até mesmo, pela indicação daquele amigo que é apaixonado por literatura e que numa mesa de um bar qualquer, após alguns copos a mais de cerveja, pergunta se já lemos este conto.

De qualquer modo, ao final da leitura realizada, subitamente, como em qualquer outra que realizamos até então, formulamos na nossa mente esfumaçada algumas esparsas idéias... “Interessante, que história fantástica. Não é por coincidência que se trata de um autor clássico da literatura mundial! Hum... ah sim! Este conto versa sobre uma perseguição; é isto mesmo, a perseguição de um criminoso velho, ou será de um velho criminoso? Ah, lembrei! Este velho é um criminoso, o ‘homem da multidão’.”

*“er lasst sich nicht lesen”*

<sup>1</sup> Fernando Henrique Protetti é Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais e Mestrando em “Educação Escolar” pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras/Araraquara. Atualmente tem bolsa de estudo da CAPES e cursa Pedagogia na UNICAMP. [protetti@gmail.com](mailto:protetti@gmail.com)

[...] de repente apareceu um rosto (o de um velho decrépito, de uns sessenta e cinco, setenta anos de idade) — um rosto que imediatamente chamou e absorveu toda a minha atenção, por causa da absoluta idiosincrasia de sua expressão.

Após alguns dias, novamente olho para aquele mesmo livro que “devorei” já há algum tempo atrás, e sinto uma efervescência nos meus neurônios, pensamentos tangenciando minha pobre razão humana. Surge então à idéia de realizar uma segunda leitura do conto, agora com o objetivo de apreender, custe o que custar, todo seu conteúdo expresso em códigos lingüísticos na forma escrita.

Uma sumária pesquisa na rede mundial de computadores e descubro: “O homem na multidão” em uma versão trilingüe, traduzido para o francês por Charles Baudelaire, e com notas críticas de Walter Benjamin. Excelente, era até mais do que esperava!

Chego no outro dia à biblioteca cinco minutos antes do término do expediente, e adianto-me para achá-lo numa prateleira com muitos outros livros, alguns volumosos, outros mal conservados ou muito utilizados, e, finalmente lá está ele, totalmente exprimido, quase que escondido.

*“er lasst sich nicht lesen”*

Era de baixa estatura, muito magro e aparentemente muito frágil. Suas roupas estavam, no geral, imundas e rasgadas; mas passando ele de vez em quando pelo brilho forte de uma lâmpada, percebi que sua roupa branca, ainda que suja, era de boa qualidade; e, se meus olhos não me enganaram, entrevi, por um rasgão do *roquelaure* cuidadosamente abotoado e obviamente de segunda mão que o envolvia, um diamante e um punhal. Estas observações exaltaram minha curiosidade e resolvi seguir o desconhecido aonde quer que ele fosse.

Estou agora no ponto do ônibus. Acho que começarei lê-lo aqui mesmo; aliás, é o que vou fazer. Duas páginas já lidas, pego o ônibus para minha casa e vou passando os olhos por suas palavras e observando do lado de fora, na rua, a aglomeração humana pela janela. Quase 23h00 e estou terminando a minha compreensão do “O homem da multidão”.

Novamente surgem aquelas idéias esfumaçadas: “Agora sim entendi, trata-se de um conto que procura retratar com fidelidade, digna de um cientista social, a realidade hitórico-social capitalista da cidade de Londres. Interessante, cada personagem foi categorizado pelos seus gestos, vestimentas, ações, demonstrando como os homens cada vez mais se desumanizaram, parecem até máquinas! Mas, e o velho? Maldito velho! Afinal o que ele representa? Essa o Benjamin me deve.”

*“er lasst sich nicht lesen”*

Seu queixo caiu sobre o peito, enquanto seus olhos se moviam desvairadamente por baixo das sobrelhas franzidas, para todo lado, para os que o cercavam. Ele apressou seu passo firme e obstinadamente. Contudo, fiquei surpreso ao perceber que, depois de ter contornado a praça, ele se virava e retornava sobre seus próprios passos. Ainda mais atônito fiquei ao vê-lo repetir a mesma caminhada várias vezes — quase me descobrindo uma vez em que deu a volta num movimento súbito.

Mas e a tal da compreensão do conto? Não me resta alternativa, agora vou ler este conto com muita calma, num ambiente silencioso, com muito cuidado nas minhas idéias (esfumaçadas).

Nova idéia: uma pesquisa biográfica sobre Edgar Allan Poe, sua vida, quando nasceu e morreu, se amou alguém, o que fez da sua vida, os seus vícios, entre outras coisas mais, enfim, um diagnóstico psicanalítico da sua vida.

Seu pai abandonou-o logo quando criança. Perdeu a sua mãe jovem, casou-se com sua prima de treze anos (ele tinha vinte e sete)... Todos estes fatos ajudam em parte para compreendê-lo, mas e quanto ao velho? Acho outra característica talvez mais importante, com relação ao seu gênero literário: “Utiliza um *terror psicológico*.”

*“er lasst sich nicht lesen”*

Entrava numa loja atrás da outra, não perguntava o preço de nada, não dizia uma palavra, e mirava todos os objetos com um olhar ausente e desvairado.

Bem, agora acredito que já tenho instrumental suficiente da vida de Poe para iniciar uma verdadeira e consistente compreensão do seu conto. Algumas leituras prévias, notas críticas, biografia, anotações numa folha de papel amarelada. Inicio a terceira leitura. Finalizo a terceira leitura, mas e o velho do narrador de Poe? Não desistirei, custe o que custar! Mais uma leitura, agora é a quarta. Término.

*“er lasst sich nicht lesen”*

“Este velho,” eu disse afinal, “é o modelo e o gênio do crime profundo. Ele se nega a ficar sozinho. Ele é o homem da multidão. Vai ser inútil segui-lo; pois não vou aprender mais nada, nem com ele, nem com seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais repulsivo do que o “Hortulus Animae”, e talvez seja apenas uma das grandes misericórdias de Deus que “er lasst sich nicht lesen”.”

Foi então, que finalmente voltei minha atenção para o início do conto “O homem na multidão”, já numa sétima leitura, e percebi que uma frase em alemão, até então por mim despercebida nas leituras anteriores, talvez pudesse contribuir para minha busca incessante pela compreensão do que o narrador do conto de Poe queria dizer. Aliás, por isso é que

**Foi muito bem dito, a respeito de um certo livro alemão, que “er lasst sich nicht lesen” — ele não se deixa ler. Há certos segredos que não se deixam contar.** Homens morrem toda noite em suas camas, torcendo as mãos de fantasmagóricos confessores e

fitando-os lamentosamente nos olhos — morrem com desespero no coração e convulsões na garganta, por causa do horror de mistérios que *não aceitam* ser revelados. **Infelizmente, a consciência humana às vezes carrega tão pesado fardo de pavor que só no túmulo consegue desembaraçar-se dele. E assim a essência de todo crime permanece irrevelada.**